

EDUCAÇÃO E POLÍTICA EM PAULO FREIRE: FUNDAMENTOS PARA COMPREENSÃO DA REALIDADE CONTEMPORÂNEA

Education and politics in Paulo Freire: fundamentals for understanding contemporary reality

Educación y política en Paulo Freire: fundamentos para la comprensión de la realidad contemporánea

Jorge Fernando Hermida*

Heloísa Varão Santos**

Rafael de Farias Ferreira***

<https://doi.org/10.38117/2675-181X.formov2022.v4i1n8.480-507>

Resumo

Este artigo objetiva apresentar as concepções de Educação e de Política, ambas identificadas na obra de Paulo Freire. Essas categorias são centrais, posto que contribuem tanto para a formação crítica como para a compreensão da realidade contemporânea. Fundamentados na pesquisa bibliográfica das suas principais obras, concluímos que a obra freireana continua mantendo vigência, pois sua proposta pedagógica emancipatória promove um olhar crítico da sociedade, sempre em favor das classes subalternizadas pela lógica do capital.

Palavras-chave: Pedagogia emancipatória; Paulo Freire; educação crítica; política.

Abstract

This article aims to present the concepts of Education and of Politics that can be identified in Paulo Freire's work. These categories are central, as they contribute to critical training and the understanding of contemporary reality. Based on the bibliographical research of his main works, we conclude that the Freirean work remains in force, as its emancipatory pedagogical proposal promotes a critical view of society, always placed in favor of the subordinate classes by the logic of capital.

Keywords: Emancipatory pedagogy; Paulo Freire; critical education; policy.

Resumen

El artículo tiene como objetivo presentar los conceptos de Educación y Política que se pueden identificar en la obra de Paulo Freire. Estas categorías son centrales, ya que contribuyen a la formación crítica y la comprensión de la realidad contemporánea. A partir de la búsqueda bibliográfica de sus principales obras, concluimos que la obra freireana se mantiene vigente, pues su propuesta pedagógica emancipadora promueve una mirada crítica a la sociedad, siempre colocada a favor de las clases subordinadas por la lógica del capital.

Palabras clave: Pedagogía emancipadora; Paulo Freire; educación crítica; política.

Introdução

Neste artigo apresentamos algumas contribuições da obra de Paulo Freire, cujo capital intelectual nos ajuda a compreender a realidade contemporânea. Ainda que de forma sucinta, intencionamos esmiuçar as concepções de educação e de política que podem ser identificadas na proposta de Educação libertadora do *Patrono da Educação brasileira*. Focamos nessas duas categorias da proposta pedagógica freiriana – Educação e Política –, devido à indissociável relação existente entre elas.

Educação e política são duas categorias centrais da proposta pedagógica emancipatória de Paulo Freire, presentes no conjunto de toda sua obra. Trata-se dos fundamentos da sua pedagogia, primordiais para o processo de conscientização e transformação dos indivíduos, mas também para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva, solidária e igualitária. No entender de Paulo Freire é a conscientização que promove tanto a autorreflexão do indivíduo como o engajamento político das camadas populares na luta pelos seus legítimos direitos. Porém, para alcançar esses propósitos, o processo educativo deve contribuir para que as pessoas possam superar o estado da consciência intransitiva (ingênuo), para então atingir a consciência crítica. Isto é, aquele estágio da consciência que não se satisfaz com as aparências, que reconhece que a realidade é mutável, supera preconceitos, é autêntica e nutre-se do diálogo para a superação da alienação que predomina nas sociedades classistas.

O próprio Freire também nos lembra de que, assim como a conscientização, a mudança é um tema gerador que caracteriza sua práxis educativa (FREIRE, 2021a, 2021b, 2021c e 2005). A conscientização faz do homem um ser transcendente, capaz de poder discernir sobre sua temporalidade, sua cultura e sua historicidade. “Criando e recriando, integrando-se nas condições do seu contexto, respondendo aos desafios, auto-objetivando-se, discernindo, o homem vai se lançando no domínio que lhe é exclusivo, o da história e da cultura” (FREIRE, 2021c, p. 85-6).

Educação e mudança precisam ter, como ponto de partida, a compreensão da realidade (FREIRE, 2021a, 2021b, 2021c, 2011, 2005, 1981 e 1979; SCOCUGLIA, 2006; FERREIRA e HERMIDA, 2021). Analisando as possibilidades e limitações da educação, o autor propõe um pensamento pedagógico que conduza os educadores a se engajarem política e socialmente na luta pela superação das estruturas opressoras da sociedade capitalista (FREIRE, 2021c). Por entender que essa concepção de educação tem um papel preponderante em favor da transformação social dos indivíduos rumo à construção de uma sociedade mais igualitária e mais solidária, ela ficou caracterizada como pedagogia emancipatória.

Para os autores deste artigo, a tarefa de conceituar educação e política e seus fundamentos é essencial para a compreensão dos sentidos epistemológicos e políticos dessas categorias, tendo em vista a importância do domínio desses conhecimentos para assegurar uma formação político-pedagógica que coloque no horizonte a vocação para *ser mais*, sendo esse *ser mais* a expressão da natureza humana que se faz fazendo-se na História. Para Freire (2021), a vocação de *ser mais* é a que historicamente possibilita o processo de humanização dos homens e mulheres, a que permite formar seres sociais e históricos livres, com possibilidades de decisão, de escolha e de autonomia.

Além de resgatar esses importantes fundamentos da sua pedagogia, na segunda parte do artigo os autores buscam compreender a intensificação dos ataques impetrados nos últimos anos, particularmente contra a obra de Paulo Freire e a figura ímpar de educador que o mesmo representa. Tais ataques advêm de setores reacionários,

conservadores e de extrema direita da sociedade brasileira, simpatizantes do livre mercado e da iniciativa privada, pautados pela ideologia neoliberal.

Nada contra as críticas. Sabemos que Paulo Freire sempre foi um pensador plural, que gostava de debater sua obra pública e generosamente, estando sempre aberto às críticas, desde que elas estivessem inseridas em um debate democrático, com civilidade, respeito mútuo, pluralismo de ideias e alguma possibilidade de fazer com que o outro passasse a pensar diferente. Além disso, se algo sempre caracterizou o seu pensamento foi a sua humildade, a sua dialogicidade e a sua amorosidade – sempre acompanhadas de um alto nível de autocrítica. Nesse contexto, consideramos imprescindível que todos (as) os (as) educadores (as) brasileiros (as) tenham conhecimento e consciência dos significados das categorias educação e política na proposta pedagógica emancipatória de Paulo Freire. O artigo se encerra com a apresentação das considerações finais.

Educação e Política em Paulo Freire

Falar de educação e de política na obra de Paulo Freire nos remete, necessariamente, à vida do próprio autor, posto que sua trajetória têm uma relação direta e intensa com sua própria obra. A indissociável relação existente entre educação e política em Freire (2005; 2021b; 2021c) está diretamente condicionada aos diversos momentos que o autor vivenciou ao longo de sua trajetória, seja em suas origens e/ou nos primórdios profissionais no Nordeste do Brasil, seja no exílio forçado (na América Latina, na Europa e na África), ou quando volta do exílio e se assenta profissionalmente em São Paulo, na região-Sudeste do país, em 1980.

Apesar da sua formação em Direito, ficou internacionalmente conhecido pelas suas experiências com a alfabetização de adultos em diversas vivências práticas realizadas no Nordeste. A experiência que deu projeção internacional a Freire, lhe proporcionando maior notoriedade, aconteceu na cidade de Angicos, município no Rio Grande do Norte, onde 75% de seus habitantes eram pobres e analfabetos. Essa iniciativa, inédita e genial de Freire se deu, na prática, com a educação de adultos

analfabetos, fundamentada em um método próprio e peculiar que conseguiu alfabetizar cerca de 400 jovens e adultos. Este fenômeno ganhou notoriedade internacional por ter conseguido concluir todo o processo de alfabetização em 40 horas de aula. Além desse logro, seu método também tornava seus alunos cidadãos, conscientes de seus direitos, e dispostos a defendê-los de maneira democrática.

Na origem de suas experiências, Paulo Freire foi um educador humanista e um cristão progressista. Com o passar do tempo, se aproximou dos fundamentos do materialismo histórico e dialético através da Teologia da Libertação.¹ No final da sua vida, sua obra dialoga também com a perspectiva pós-moderna progressista. Portanto, ao nos debruçarmos perante sua obra, nos restou claro a existência de um progresso nas suas ideias pedagógicas, concomitantemente à evolução da sua vida e às suas diversas experiências políticas (SCOCUGLIA, 2006; WEFFORT, 2021).

Ao nos debruçarmos perante a história do ideário pedagógico de Paulo Freire, é possível verificar que da sua obra emana uma compreensão dialética da história, para a qual a educação ocupa um lugar preponderante. Isto impõe reconhecer o papel da educação, não como sendo a solução para os problemas do mundo, mas sim como o elemento fundamental para a sua reinvenção.

Nesta perspectiva prevalece a *compreensão da história como possibilidade*, na qual não há espaços para interpretações mecanicistas (FREIRE, 2021b). Destarte, o autor se distancia da noção de Nova História,² para a qual as diferenças sociais, políticas, culturais e econômicas (dentre outras) são inexistentes ou carecem de sentido. Essa perspectiva histórica nos remete à realidade fenomênica, imediata, pautada pelas visões parciais e subjetivas dos sujeitos. Para o autor,

¹ A Teologia da Libertação foi um movimento social e eclesial que surgiu no interior da Igreja Católica na década de 1960. Esta importante corrente teológica cristã nasceu depois do Concílio Vaticano II (1961) e da Conferência de Medellín (1968), e procura interpretar os ensinamentos de Jesus Cristo colocando-os a favor da libertação das injustiças econômicas e sociais dos pobres e dos oprimidos. Para Lowy (2000), trata-se de um fenômeno amplo e profundo do que uma simples corrente teológica – um movimento social que na América Latina teve consequências políticas de grande alcance.

² A Nova História foi uma corrente historiográfica surgida na França nos anos da década de 1970, que trivializa toda forma de interpretação coletiva.

Em lugar da decretação de uma nova História sem classes sociais, sem ideologia, sem luta, sem utopia, e sem sonho, o que a cotidianidade mundial nega contundentemente, o que temos a fazer é repor o ser humano que atua, que pensa, que fala, que sonha, que ama, que odeia, que cria e recria, que sabe e ignora, que se afirma e que se nega, que constrói e destrói, que é tanto o que *herda* quanto o que *adquire*, no centro de nossas preocupações. Restaurar assim a significação profunda da radicalidade. (FREIRE, 2021b, p. 19)

Ao compatibilizar aspectos essenciais da modernidade com conceitos centrais da pós-modernidade progressista, emerge sua compreensão dialética da realidade, na qual confrontos e conflitos requerem a restauração e ressignificação profunda da radicalidade:

A radicalidade de meu ser, enquanto gente e enquanto mistério, não permite, porém, a inteligência de mim na estreiteza da singularidade de apenas um dos ângulos que só aparentemente me explica. Não é possível entender-me apenas como classe, ou como raça ou como sexo, mas, por outro lado, minha posição de classe, a cor de minha pele e o sexo com que cheguei ao mundo não podem ser esquecidos na análise do que faço, do que penso, do que digo. Como não pode ser esquecida a experiência social de que participo, minha formação, minhas crenças, minha cultura, minha opção política, minha esperança. (FREIRE, 2021b, p. 19)

As ideias supracitadas, além de provocadoras, evidenciam a compreensão crítica do autor a respeito da história e da educação. Por isto consideramos equivocadas as perspectivas reducionistas que afirmam que o principal legado de Freire foi o seu método de alfabetização, e, também, inferimos neste artigo, que associar à pessoa, à figura, ao legado de Paulo Freire só a um método, é reduzir e restringir o pensamento dele (SCOCUGLIA, 2006; GADOTTI, 1996; WEFFORT, 2021).

Além de um método, o que Freire criou foi uma proposta pedagógica que sensibiliza, que dialoga, que parte das relações humanas e da cultura da comunidade envolvida. Mapeia o universo do aluno para que a educação faça mais sentido para quem aprende, para que de fato haja uma identificação dos conteúdos trabalhados em aula com a realidade do próprio educando, ou seja, os conteúdos são definidos a partir do seu universo, favorecendo que este realize a sua leitura do mundo. Uma leitura do mundo que, associada ao domínio da leitura e da escrita – ferramentas essenciais para se ter acesso ao conhecimento – é colocada a favor da transformação social, visando

superar as desigualdades sociais que caracterizam a sociedade capitalista. Paulo Freire também esmiuçou os porquês dos sectarismos na ciência, a falta de aproximação entre arte e política, entre política e educação, entre educação e cultura. A grande pergunta suscitada é: Por que acontece a fragmentação do conhecimento? O fato é que, incontestavelmente, a obra ímpar e genial de Paulo Freire se constitui em uma autêntica pedagogia emancipatória, essencialmente humanista, colocada a favor da superação das desigualdades sociais, culturais e econômicas (FREIRE, 2021a, 2021b, 2021c, 2011 e 2005; SCOCUGLIA, 2006; WEFFORT, 2021).

Feitas essas considerações, a fim de atender ao nosso propósito, conceituaremos educação e política na obra de Freire, cujo conceito de educação está diretamente atrelado à *Teologia da Libertação*, com a qual sempre manteve uma relação pedagógica intensa. Isso porque seus fundamentos são absorvidos pelo ideário pedagógico de Freire, ao ponto de muitos especialistas considerarem que sua produção intitulada *Pedagogia do Oprimido* seria a versão educacional da *Teologia da Libertação*, culminando por concretizar, desta maneira, uma autêntica *Pedagogia da Libertação*.

Ao discorrer sobre a importância da educação para o processo de formação humana, Freire (2021c) nos adverte que:

A educação é uma resposta da finitude da infinitude. A educação é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado. Isto o leva à sua perfeição. A educação, portanto, implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser objeto dela. Por isso ninguém educa ninguém. (FREIRE, 2021c, p. 34)

Mais adiante, o autor acrescenta:

Sem dúvida, ninguém pode buscar na exclusividade, individualmente. Esta busca solitária poderia traduzir-se em um ter mais, que é uma forma de ser menos. Esta busca deve ser feita com os outros seres que também procuram ser mais e em comunhão com outras consciências, caso contrário se faria de umas consciências objetos de outras. Seria “coisificar” as consciências. (FREIRE, 2021c, p. 34)

Ao falar sobre educação, (2021c) nos lembra de que se faz necessário que haja, de fato, uma construção coletiva no sentido de superação dos estreitos limites das

sociedades fechadas, pautadas pela conservação do *status quo* e dos privilégios da classe economicamente dominante – ambos postos a serviço da reprodução da dicotomia: trabalho manual e trabalho intelectual. Freire (2021c) sustenta que para superar o pensamento ingênuo, que caracteriza a Educação nessas sociedades fechadas, precisamos desmitificar a realidade mitificada, estanque e a-histórica (consciência ingênua), de modo que o sujeito histórico possa reconhecer que essa mesma realidade pode ser mutável. Assim, é possível separar essência e aparência, permitindo substituir explicações mágicas por princípios autênticos de causalidade, e superar preconceitos, repelindo toda transferência de responsabilidade e de autoridade em troca da indagação, do diálogo e da verdade (FREIRE, 2021c).

Uma educação assentada no desenvolvimento de uma consciência crítica, reflexiva, precisa acreditar na liberdade, porque ela (a liberdade) é um pré-requisito para *ser mais* e para que os seres humanos se movam no seu tempo e no seu espaço para o cumprimento de sua *vocação*, pois como bem nos lembra Freire: “A vocação para o ser mais, enquanto expressão da natureza humana fazendo-se na História, precisa de condições concretas sem as quais a vocação se distorce” (FREIRE, 2021b).

A proposta educativa de Freire, cuja finalidade primordial se traduz em uma *Pedagogia do Oprimido* ou da Libertação, tem como principal característica a discussão das problemáticas concretas existentes nos contextos históricos, sociais e culturais das sociedades, no sentido de despertar nas pessoas sua consciência crítica, a partir do reconhecimento da sua condição de oprimidos. Pelo debate promovido no processo educativo, os educandos podem reconhecer seus direitos enquanto cidadãos, e buscar conhecimentos favoráveis ao entendimento dos problemas que afetam diretamente à comunidade. Abrindo-se, desta maneira, possibilidades para apresentar soluções efetivas para a superação da situação de opressão da grande parcela desfavorecida social e economicamente, excluída e explorada à exaustão – os esfarrapados do mundo.

Uma perspectiva libertadora deveria ser capaz de definir alternativas reais e concretas de superação da opressão e da alienação que assolam aos oprimidos, como formas de resistência que possam vir a libertar a classe trabalhadora da dominação à

qual encontra-se historicamente submetida. Esta perspectiva concebe à educação como um ato político, cujo papel é o de compreender os conflitos culturais e os problemas sociais, percebendo as contradições através da análise crítica da realidade, a fim de organizar os sujeitos para a defesa dos direitos das classes populares. Verifica-se, portanto, que a educação em Paulo Freire não é neutra, mas exige posicionamento em relação a quem os conhecimentos sistematizados na escola estão servindo, e nem tampouco é uma educação *bancária*, restrita a ensinar conteúdos congelados e pré-definidos (FREIRE, 2021a, 2021b, 2021c, 2011 e 2005).

As críticas pontuais ao modelo da educação bancária que estão presentes em todas as obras de Paulo Freire (FREIRE, 2021a, 2021b, 2021c, 2011 e 2005) concentram-se no tipo de relações estabelecidas entre educadores e educandos, de natureza vertical, onde as relações fundamentalmente narradoras e dissertadoras colocam em polos opostos ao educador, quem é que educa, e os educandos que são educados. O educador é quem detém o conhecimento e a palavra, enquanto o educando é quem não sabe e quem escuta docilmente. Ancorada numa relação de autoridade, a educação bancária é aquela que deposita, transfere, transmite valores e conhecimentos, inculcando nos educandos a cultura do silêncio que aliena e aprofunda a ignorância. O predomínio deste modelo de educação tem consequências perversas para os educandos, pois nesse modelo vertical:

O professor ainda é um ser superior que ensina a ignorantes. Isto forma uma consciência bancária. O educando recebe passivamente os conhecimentos, tornando-se um depósito do educador. Educa-se para arquivar o que se deposita. Mas o curioso é que o arquivado é o próprio homem, que perde assim seu poder de criar, se faz menos homem, é uma peça. O destino do homem deve ser criar e transformar o mundo, sendo o sujeito de sua ação. (FREIRE, 2021c, p. 29-30)

Apelando à força que têm a categoria contradição nas sociedades classistas, Freire nos lembra que “o destino do homem deve ser criar e transformar o mundo, sendo o sujeito de sua ação” (FREIRE, 2021c, p. 29-30). Nesta perspectiva, revolucionária, a educação é um ato político que traz embutido a visão de homem como um ser histórico e social, que deseja ser sujeito da sua própria existência, um ser inconcluso em busca constante de *ser mais*. Envolvida em um processo constante de

criação de conhecimento e de busca da transformação-reinvenção da realidade, a educação é orientada pela ação-reflexão-ação humanas em torno de um projeto de mundo onde todos possam viver dignamente. Isso exige uma concepção ontológica que respeite o direito de todas as pessoas seguirem vivendo intensa e participativamente, sem que isso descambe para o individualismo. O individual é ressignificado pelo social, já que *eu não posso ser, se os outros não são*. Esta perspectiva ontológica adquire sentido quando o conceito de *liberdade* evolui na obra de Freire para *libertação* (FREIRE, 2021a, 2021b e 2005; WEFFORT, 2021).

A visão de Paulo Freire (1980) em matéria de educação também está orientada por uma ideia-força, o ser-sujeito, e destaca a reflexão sobre a realidade social no ato de educar/educar-se, como desenvolvida na obra *Conscientização e alfabetização: uma nova visão do processo e Educação como prática de liberdade*:

Para ser válida, toda educação, toda ação educativa deve necessariamente estar precedida de uma reflexão sobre o homem e de uma análise do meio de vida concreto do homem concreto a quem queremos educar (ou melhor dito: a quem queremos ajudar a educar-se). Faltando uma tal reflexão sobre o homem, corre-se o risco de adorar métodos educativos e maneiras de atuar que reduzem o homem à condição de objeto. Assim, a vocação do homem é a de ser sujeito e não objeto. Pela ausência de uma análise do meio cultural, corre-se o perigo de realizar uma educação pré-fabricada, portanto, inoperante, que não é adaptada ao homem concreto a que se destina. (FREIRE, 1979, pp. 33-34)

Partindo dessa vocação ontológica do homem – que é a sua vocação de ser sujeito social e histórico –, a educação toma como ponto de partida a prática social, as condições em que o homem vive, para ser um instrumento que deve ajudar o homem, a partir de tudo o que constitui sua vida, a chegar a ser sujeito de direitos, consciente do seu papel na sociedade. Essa instrumentação da educação é afirmada por Freire como:

[...] algo mais que a simples preparação de quadros técnicos em função da vocação de desenvolvimento de uma região’ – depende da harmonia obtida entre a vocação ontológica deste ser situado e localizado no tempo, que é o homem, e as condições particulares desta situação (FREIRE, 1979, p. 59).

A educação é primordial para a passagem da consciência transitivo-ingênu³ para a transitivo-crítica,⁴ com um trabalho educativo e crítico que vise o processo de humanização a favor da superação da manipulação e instrumentalização de realidades mitificadas. Quando Freire (2021a, 2021b e 2005) afirma a necessidade da utopia, ele enfatiza a exigência de conhecimento crítico, que permita denunciar a estrutura desumanizante ao conhecê-la e, assim, anunciar as alternativas de superação como modo de realizar a práxis histórica. Essa ideia converge para uma educação que desenvolva a tomada de consciência e a atitude crítica, permitindo ao sujeito fazer escolhas e decidir libertar-se ao invés de submeter-se, adaptar-se ou ajustar-se à sociedade. Com grande clareza Freire (1979, p. 22) afirma que “ninguém luta contra as forças que não compreende, cuja importância não mede, cujas formas e contornos não discerne”. É preciso, portanto, fazer desta conscientização o primeiro objetivo de toda Educação: antes de tudo, provocar uma atitude crítica, de reflexão, que comprometa a ação (FREIRE, 1979, 2021a, 2021b e 2005).

Outra ideia-força presente na prática educativa é a concepção de liberdade, expressa como matriz que dá sentido a uma educação onde os educandos nela tomem parte de maneira livre e crítica, daí constituir-se em um dos princípios presentes na organização originária dos *Círculos de Cultura*⁵. Concepção esta que evolui para

³ Na sua obra *Educação e Mudança* (2021c), Paulo Freire disserta sobre as especificidades que caracterizam aos diversos estados da consciência. Para o autor, o primeiro estado da consciência é a intransitividade, no qual existe um quase-compromisso com a realidade. Não se trata de uma consciência fechada, mas sim de um estreitamento no poder de captação da consciência. “A intransitividade produz uma consciência mágica. As causas que se atribuem aos desafios escapam à crítica e se tornam superstições” (FREIRE, 2021c, p. 51). Agora, quando uma comunidade sobre uma mudança, a consciência se promove e passa a ser transitiva. “Num primeiro momento essa consciência é ingênu. Em grande parte, é mágica. Esse passo é automático, mas o passo para a consciência crítica não é” (FREIRE, 2021c, p. 51).

⁴ O estágio da consciência transitivo-crítica é aquele no qual as aparências são desconstruídas através da análise de uma situação problema. A partir deste momento as explicações mágicas são substituídas por princípios de causalidade, as descobertas são testadas e preconceitos são superados. Para Freire este tipo de consciência “Repele posições quietistas. É intensamente inquieta. Torna-se mais crítica quanto mais reconhece em sua quietude a inquietude, e vice-versa. Sabe que é na medida que é e não pelo que parece. O essencial para parecer algo é ser algo; é a base da autenticidade (...) Face ao novo, não repele o velho por ser velho, nem aceita o novo por ser novo, mas aceita-os na medida em que são válidos” (2021c, pp. 58-9).

⁵ Os círculos de cultura foram idealizados por Paulo Freire (2021a). Eles foram concebidos como unidade de ensino que substitui as escolas – consideradas por Freire na época como sendo autoritárias e tradicionais. Nele, busca-se promover a liberdade dos educandos; eles não são chamados de analfabetos,

libertação e incorpora a perspectiva classista, conforme advém do materialismo histórico e dialético (FREIRE, 2021a, 2005).

Assumindo uma perspectiva classista, Paulo Freire destaca a valorização da educação no processo de humanização, que requer amorosidade, solidariedade e respeito ao diferente – fundamentos essenciais para nutrir a esperança de o homem vir a *ser mais* com os outros. Para Freire (2021b) não há educação sem política, sem sonhos, sem utopias. Para o autor, todo ato pedagógico é um ato político, já que não há como dissociar a educação da política, já que não há como educar com neutralidade.

Assim sendo, a atuação político-pedagógica se dá por meio de programas, projetos, conteúdos em que a leitura crítica do mundo se faz de forma desocultadora de verdades, como um imperativo ético da educação para a libertação.

Freire (2021, p. 26) ressalta a importância da educação na vida do ser humano, e reafirma:

O que eu quero dizer é que a educação, como formação, como processo de conhecimento, de ensino, de aprendizagem, se tornou, ao longo da aventura no mundo dos seres humanos, uma conotação de sua natureza, gestando-se na história, como a vocação para a humanização de que falo na *Pedagogia do Oprimido* e na *Pedagogia da Esperança, um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Em outras palavras e talvez reiteradamente, não é possível ser gente sem, desta ou daquela forma, se achar entranhado em uma *certa prática* educativa. E entranhado não em termos provisórios, mas em termos de vida interna. O ser humano jamais para de educar-se.

Após apresentarmos, resumidamente, o conceito de educação em Freire, trataremos, a seguir, do conceito de política na sua pedagogia emancipatória. Quando Freire (2021) fala de política, ele não o faz tendo como referência aquilo que tradicionalmente conhecemos como política partidária, política burguesa. O horizonte

mas sim de alfabetizando. Cabendo ao educador o registro fiel do vocabulário dos alfabetizando para assim poder selecionar as *palavras geradoras*, as quais inicialmente serão utilizadas para a descoberta de novas palavras. Segundo Freire, “Busca-se no círculo de cultura, peça fundamental no movimento de educação popular, reunir um *coordenador* a algumas dezenas de homens do povo no trabalho comum pela conquista da linguagem” (FREIRE, 2021a, p. 10).

de Paulo Freire nos desafia a olhar além das possibilidades estreitas em que se concretiza a política nas democracias liberais, já que:

A prática política que se funda na compreensão mecanicista da História, redutora do *futuro* a algo inexorável, “castra” as mulheres e os homens na sua capacidade de decidir, de optar, mas não tem força suficiente para mudar a natureza mesma da História. Cedo ou tarde, por isso mesmo, prevalece a compreensão da História como *possibilidade*, em que não há lugar para as explicações mecanicistas dos fatos nem tampouco para projetos políticos de esquerda que não apostam na capacidade crítica das classes populares. (FREIRE, 2021, p. 18)

Obviamente, o conceito de política em Paulo Freire se distancia totalmente desse determinismo que a chamada ‘Nova’ História⁶ que, conforme os interesses das classes dominantes, é apresentada como sem ideologia, sem luta, sem utopia, sem sonhos. Essa concepção de história – que de nova não tem nada, pois a exploração continua, só mudou o formato, a configuração – nega a possibilidade de transformação social, em tentativa de alienar as classes subalternas. Uma história e uma política que não toleram o diferente, o criativo, o solidário, o humano, o revelador e o diverso de uma nova ordem social que possa ser justa e solidária.

Então, o que seria política em Paulo Freire? Participação, cooperação, solidariedade, libertação, superação das desigualdades sociais, ponto de vista e tomada de posicionamento do ser-no-mundo e do ser-com-o-mundo, do ser consciente de sua condição de classe. Política é a própria possibilidade de emancipação humana, que aponta para a superação das desigualdades sociais que caracterizam as sociedades classistas regidas pela lógica do capital e da mais-valia.

Trata-se de uma forma de exercício da cidadania que nas sociedades capitalistas vêm sendo negada na desigualdade, na injustiça, na exploração, na opressão e na violência (FREIRE, 2005). Eis aí que se localiza a verdadeira tarefa da luta dos oprimidos: libertar-se da opressão, superar o processo de desumanização, para recuperar a humanidade que lhes foi roubada!

⁶ Acreditamos que o termo já foi devidamente caracterizado na primeira parte deste artigo.

A libertação em Paulo Freire é algo que convida para a utopia, mas que também requer coragem, pois o Patrono da Educação nos lembra que “A libertação, por isto, é um parto. E um parto doloroso” (FREIRE, 2005, p. 35). A superação da opressão requer a construção de um homem novo, para o qual precisamos de uma *práxis libertadora*. Nesta práxis, Educação e política são indissociáveis e complementares, e quiçá seja este um dos motivos, entre tantos, porque Paulo Freire desperta o medo nas classes dominantes, e sua obra recebe, hoje, tantos ataques.

Educação e política depois de Freire: o desmonte da educação brasileira e os ataques ao Patrono da educação como estratégia do movimento ultraconservador

Neste item descrevemos, ainda que de forma breve, como foi se materializando, nos últimos anos, o ódio à democracia, o ódio ao diferente, o ódio à solidariedade, e, também, o ódio a Paulo Freire e seu rico e vasto legado educacional.

Nos últimos tempos, as ideias político-pedagógicas de Paulo Freire têm entrado na pauta dos debates políticos e educacionais. Essa retomada do interesse pela obra de Freire tem sido perversa, porque ela tem sido mais sinalizada pela *crítica acrítica ao autor*,⁷ do que pelas suas valiosas contribuições. Vale ressaltar, que o centenário do nascimento do autor (1921-2021), também foi um dos fatores que motivou o estudo da sua obra em diversos âmbitos acadêmicos e universitários, gerando uma interessante quantidade de publicações, eventos sociais e acadêmicos em todo o país, pois, a partir dessas comemorações, ampliaram-se ataques onde, em geral, predominam a crítica daqueles que, opostos ao seu pensamento, tentaram, inutilmente, desqualificar o seu rico e valioso legado.

Dentre as principais virtudes que caracterizaram o autor, podemos mencionar como foi sua forma de ser e de estar, sempre aberto ao diálogo honesto e sincero. O

⁷ Quando nos referimos, neste artigo, à *crítica acrítica*, estamos nos dirigindo àqueles ataques desferidos contra Paulo Freire sem qualquer tipo de fundamento. Fácil constatar que os principais ‘críticos’ de Freire têm pouca ou nenhuma familiaridade com a obra e com o legado educacional do Patrono da Educação brasileira.

problema reside, na maioria das vezes, em críticas advindas de pessoas e setores da sociedade conservadores, dos evangélicos e de partidos de direita e de extrema-direita, que sequer conhecem ou leram suas obras.

Ancorado na *perspectiva da pós-verdade*⁸, o relativismo tornou-se dominante e passou a ser colocado a favor de uma guerra cultural sem precedentes na história política do Brasil. Trata-se de uma guerra cultural que, comandada por setores conservadores da sociedade, traz em si uma grande carga de preconceitos, machismo, homofobia, xenofobia, sempre direcionados às camadas populares da sociedade e às minorias sociais. “Pelo mundo todo, ondas de populismo e fundamentalismo estão fazendo com que as pessoas recorram mais ao medo e à raiva do que ao debate sensato, corroendo as instituições democráticas e trocando os especialistas pela sabedoria das multidões” (KAKUTANI, 2018, p. 12).

A aversão às diversidades e às lutas identitárias, discriminam, especialmente, às mulheres, os negros, os povos indígenas, as pessoas LGBTQI+. Essa guerra cultural tem, dentre seus principais protagonistas, o homem branco, capitalista, heterossexual, cristão, que se enquadra no grupo auto identificado como “cidadãos de bem” e sem problemas materiais. Também fazem parte desse universo políticos, líderes religiosos, empresários e intelectuais de extrema direita que, propagando o evangelho do Pós-modernismo, argumentam que “[...] não existem verdades universais, apenas pequenas verdades pessoais – percepções moldadas pelas forças sociais e culturais de um indivíduo” (KAKUTANI, 2018, p. 17).

Nessa guerra cultural que se acirra com o golpe de 2016 que tirou da Presidência da República uma Presidente eleita de forma democrática e popular, setores reacionários e conservadores da sociedade brasileira começam a impor uma narrativa, que engloba discursos relativistas aniquiladores das macronarrativas características da

⁸ Trata-se de um fenômeno cultural, social e linguístico que procura substituir a razão pela emoção, a partir de uma narrativa que defende o “declínio da verdade” e substitui os discursos ancorados em fatos, análises e comprovações por *fake news* e descrições de fatos alternativos ancorados em conceitos científicos duvidosos. Nesta perspectiva, “[...] o descaso pelos fatos, a substituição da razão pela emoção, e a corrosão da linguagem estão diminuindo o valor da verdade, e o que isso significa para os Estados Unidos e para o mundo” (KAKUTANI, 2018, p. 19).

modernidade. Dentre os relativistas e adeptos à pós-verdade, destacam-se: a direita populista, os criacionistas, os negacionistas, os terraplanistas e os fundamentalistas religiosos, sejam evangélicos ou da renovação carismática cristã. Todas essas perspectivas e narrativas defendem que suas teorias tenham o mesmo valor e, por isso, eles reivindicam que sejam ensinadas juntamente às teorias oriundas da ciência e do conhecimento científico (HERMIDA e ORSO, 2020; HERMIDA e LIRA, 2018; HERMIDA e LIRA, 2020; LEVITSKY e ZIBLATT, 2018).

Importa salientar que, apesar de os ataques contra a educação pública, em geral, e contra a figura de Paulo Freire, em particular, terem se acirrado nos últimos 3 anos, eles já vinham acontecendo há alguns anos. Não é de hoje que observamos os princípios de ensino da educação brasileira, promulgados pelo Art. 206 da Constituição Federal de 1988, sofrendo inúmeros ataques, ora dissimulados, ora frontais, do aparelhamento estatal que, para alinhar-se às regras do imperialismo econômico, torna a educação cativa das demandas do mercado.

Desde o governo Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), do PSDB, perpassando pelos governos de Luís Inácio Lula da Silva (2003-2010) e Dilma Rousseff (2011-2016), ambos do Partido dos Trabalhadores, temos acompanhado as consequências nefastas das reformas econômicas ancoradas na ideologia neoliberal no campo educacional. Os impactos negativos dessas reformas nas políticas educacionais também podem ser observados nos países da América Latina, que passam a sofrer as consequências perversas da formulação de políticas que visam fazer da educação uma simples mercadoria, e para poucos, vale salientar.

Trata-se de um movimento que resulta, historicamente, das crises econômicas instauradas em 2008 (a crise do mercado financeiro norte-americano) e a partir de 2010 (a crise da dívida soberana dos países da Europa Ocidental). É justamente no bojo dessas crises do capitalismo internacional que ocorre a emergência, em termos políticos e sociais, de uma extrema direita neoliberal, que reivindica para si o protagonismo e disputa intensamente os rumos da educação brasileira (FREITAS, 2018).

Os efeitos da crise econômica internacional finalmente chegam ao nosso país. Em 2015, se intensifica no Brasil um movimento⁹ que teve início no ano de 2013, com uma série de manifestações de rua¹⁰, orquestrado pela ultradireita, visando a desestabilização do governo de Dilma Rousseff. Nessas manifestações, proliferavam-se cartazes, palavras de ordem, insígnias e performances que clamavam pela volta dos militares e pelo *impeachment*, renunciando o golpe jurídico-midiático-parlamentar, consumado em 31 de agosto de 2016 (SOUZA, 2015).

Merece menção, o protesto ocorrido no dia 15 de março de 2015 na cidade de São Paulo, em que surge uma faixa com a seguinte frase: *Chega de doutrinação marxista. Basta de Paulo Freire*. Essa imagem, amplamente divulgada nas mídias e redes sociais, provocou uma sequência de comentários raivosos, repletos de ódio, despeito e ofensas impropriedades. Ataques se difundiram e sujeitos anônimos foram ganhando rostos e espaços privilegiados, como aconteceu com o professor de História Eduardo Sallene, quem idealizou a faixa. Segundo ele, como divulgado na mídia, Paulo Freire:

[...] é um rostinho simpático para um projeto cruel e desumano. Um teórico totalmente alinhado ao marxismo e regimes tirânicos, como o de Fidel Castro. As pessoas pedem mais educação, mas o MEC segue a ideologia do PT. Criticar o Paulinho? Ah, isso não! Paulo Freire é uma figura sacrossanta! Haja saco... Pedagogia do Oprimido = coitadismo e doutrinação marxista fuleira; não recomendo nem para o meu cachorro. (STREIT, 2015)

O episódio marcou o princípio de uma explícita insatisfação por Freire. E a partir do golpe de 2016, foi possível identificar dois movimentos principais, que configuram o abalo da democracia liberal. O primeiro movimento se refere à organização, no cenário político, de um grupo de ruralistas, banqueiros, empresários

⁹ Não cabe aqui aprofundar, por tratar-se de um fenômeno complexo que necessita ser analisado sob a perspectiva histórica, considerando sua apropriação pela ultradireita, que o apresenta como uma reação “espontânea” contra a política institucionalizada, sendo que foi orquestrado por agremiações – como o Movimento Brasil Livre – MBL, com fins de desestabilização do Governo e deposição da Presidenta Dilma Rousseff.

¹⁰ Os movimentos de rua começam em 2013, ‘pseudo-motivados pelos aumentos das passagens, prosseguem em 2014, contra a Copa, e em 2015, pelo Fora Dilma. De fato, os movimentos que aparentemente eram espontâneos, foram articulados anonimamente por grupos de direita que estavam a favor da desestabilização institucional e da desconstrução da democracia liberal.

ultraconservadores do agronegócio e de vários outros segmentos empresariais, os quais viriam a mobilizar uma direita raivosa que pleiteava uma “mudança radical da política”, o que culminou por acontecer. O segundo, refere-se aos ataques que esses grupos começam a articular na vida política, já que parlamentares defensores dos interesses do agronegócio, do fundamentalismo religioso e das forças armadas, mais conhecidas como a “bancada BBB”, da Bíblia, da bala e do boi começam a desconstruir históricas conquistas sociais garantidas pela Constituição Federal de 1988.

Esses movimentos materializavam o ódio aos avanços que haviam sido alcançados através da luta realizada pelos movimentos sociais e sindicais organizados, que conseguem referendar na Constituição de 1988 suas conquistas em matéria de legislação social e educacional. Tais avanços possibilitaram a criação de programas, que trouxeram (ainda que timidamente), melhorias nas condições de vida das camadas populares ao longo dos governos de esquerda (de 2003 até 2015). Porém, tais programas não conseguiram alterar o sistema do ponto de vista estrutural. Dito isto, percebe-se que a base social e econômica do capitalismo sequer se sentiu comprometida pelos Programas Sociais redistributivos implantados nos governos do Partido dos Trabalhadores (HERMIDA e LIRA, 2018; HERMIDA e LIRA, 2020).

A história nos mostra que a extrema direita e os setores conservadores da sociedade continuaram avançando no processo de privatização e de consolidação de um Estado mínimo no nosso país. O governo Michel Temer (2016-2018) não só desconstruiu históricas conquistas sociais através de reformas na economia (Reforma da Previdência; Reforma Trabalhista) e na educação (Reforma do Ensino Médio; aprovação das primeiras versões da Base Nacional Comum Curricular, e o aprofundamento da intervenção brutal da iniciativa privada em todos os setores de ensino do país), como também conseguiu aprofundar a ruptura institucional instaurada a partir do golpe de 2016. Essa ruptura, marcada pela manipulação política, em consonância com o Poder Judiciário, culminou na prisão e cassação dos direitos

políticos¹¹ do então candidato que se apresentava naquele momento como o favorito para ganhar as eleições presidenciais de 2018: Luiz Inácio Lula da Silva, do PT.

Com a eleição e posterior posse de Jair Bolsonaro em 01/01/2019, como Presidente da República, temos uma virada radical da política à direita e a instituição, pela primeira vez pela via eleitoral, de um governo que se ufana em se definir autoritário, militarista, radical evangélico e conservador. Nesse novo cenário, se acentuam ainda mais as reformas empresariais, e isso repercute na educação, porque as concepções administrativas e gerencialistas nas práticas e dinâmicas escolares se tornam hegemônicas (FREITAS, 2018).

A conjuntura pós-golpe de 2016 expõe as indignações de uma classe dominante capitalista ofendida que apoia o movimento de extrema direita, onde predomina a ideologia neoliberal e seus desdobramentos gerencialistas e autoritários em todas as instâncias da sociedade (APPLE, 2003; CASTELLS, 2018). Nesse novo cenário, as políticas de acesso à educação, a inserção da diversidade no currículo, a valorização dos profissionais da educação, a expansão universitária e entre outros tímidos avanços, conseguidos durante os governos do Partido dos Trabalhadores, foram fortemente atacados (CASTRO NETA *et. al*, 2018).

Com Jair Messias Bolsonaro no poder, o governo expõe a faceta mais conservadora da política, que tem como base ideias anti-povo e antipluralidade. Nesse novo contexto: “não imaginam a coexistência dos sujeitos na sociedade senão por meio do autoritarismo ou pela produção de desigualdades. Fundamentado na ideologia ultraliberal, procura radicalizar cada vez mais a política, por meio de atitudes e decisões autoritárias” (HERMIDA e ORSO, 2020, p. 03). Em termos educacionais, todos os fracassos da educação nacional passam a ser creditados a Paulo Freire (sic!)

A partir desse contexto, surgem duas indagações: Qual a real intenção em disseminar tanto ódio em torno do intelectual, do professor Paulo Freire e seu legado?

¹¹ Os direitos políticos de Luiz Inácio Lula da Silva foram restituídos. Após 580 dias de prisão política, a Justiça expediu alvará de soltura, atendendo aos pedidos da defesa do ex-presidente, motivado pela decisão do Supremo Tribunal Federal que derrubou a pena após condena em segunda instância.

Por que difamá-lo, caluniá-lo e criticá-lo tão superficialmente? A resposta para essas duas questões, poderíamos inferir, seria porque Paulo Freire construiu um patrimônio intelectual, educacional e cultural vastíssimo, mas que se direciona totalmente na contramão dessa racionalização gerencialista.

A obra de Freire busca superar o pensamento político e pedagógico que oculta a história das relações entre opressores e oprimidos, e questiona essa estrutura de sociedade que se alimenta das opressões. Paulo Freire, fundamentalmente, nos ensinar que “Não basta saber ler que 'Eva viu a uva'. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho” (GADOTTI, 1996; WEFFORT, 2021). A universalidade de seus escritos decorre da aliança teoria-prática. Para Freire (2005, p, 23) não é possível – “aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo com eles lutam” – transmutar a realidade sem nela produzir as condições necessárias para a sua profunda transformação.

Ao criticar a educação bancária¹², Paulo Freire se coloca em contraposição não só à educação tradicional, mais também, às políticas educacionais que fomentam o tecnicismo empregado nos processos educativos. Freire (2005) argumenta que essas políticas anulam o poder criador dos educandos ou o minimizam, silenciando seus dizeres e estimulando sua ingenuidade e não sua criticidade. Tais ações trazem em sua gênese a patente do discurso do opressor, ou seja, do ideário ideológico da classe dominante.

Para Freire (2005), a Educação é um ato de politização, que tem o objetivo de ampliar a compreensão da situação de exploração pela qual os oprimidos passam a fim de que possam agir em favor de sua própria libertação. Nesse sentido, a educação é concebida como instrumento de cidadania que tem a função de compartilhar com os

¹² Como tentamos deixar claro neste artigo, como o termo educação bancária Paulo Freire faz uma crítica radical ao modelo de educação que pressupõe que o aluno não sabe nada e o professor é quem detém o conhecimento e o saber. Criando, desta maneira, uma relação vertical radical de poder, pois quem é sujeito é o educador e o educando se remete ao seu papel de objeto receptor de conhecimentos. Desta feita, esta perspectiva educacional tem como meta a formação de indivíduos passivos, submissos, acomodados às estruturas de poder vigentes.

educandos formas de “ler o mundo” para poder transformá-lo radicalmente (FREIRE, 2005, p. 37).

Por isso, a ação educativa, na perspectiva freiriana, permite e estimula a reflexão sobre o mundo, sobre as situações problemas, a fim de que se tome consciência da necessidade de um compromisso com a sua realidade. Nesse processo de conscientização, o sujeito pode descruzar os braços, renunciar a ser simples espectador e participar do processo (FREIRE, 2021c).

Não sem motivos, agrega-se à essa concepção, experiência vivida, trabalho, pedagogia, conscientização e política como dimensões basilares na construção pedagógica que se entrelaçou com as experiências de alfabetização e de mobilização das camadas populares. Nas palavras de Gadotti (1996, p. 80):

[...] a obra de Paulo Freire pode ser vista tomando-o seja como cientista, seja como educador. Contudo, essas duas dimensões supõem uma outra: Paulo Freire não as separa da política. Paulo Freire deve ser considerado também como político. Esta é a dimensão mais importante da sua obra. Ele não pensa a realidade como um sociólogo que procura apenas entendê-la. Ele busca, nas ciências (sociais e naturais), elementos para, compreendendo mais cientificamente a realidade, poder intervir de forma mais eficaz nela. Por isso ele pensa a educação ao mesmo tempo como **ato político**, como **ato de conhecimento** e como **ato criador**.

Ao contrapor a ordem hegemônica que regula o mundo e as relações antagônicas, Freire (2011) opta por uma prática educativa progressista, orientada para a emancipação humana, para a liberdade dos povos e para a justiça social entre homens e mulheres, para a construção da democracia autêntica como soberania popular.

Para alavancar o ideário neoliberal, em tempos de golpe, os conservadores adequam as Políticas educacionais às exigências do mercado, desapropriando os trabalhadores das condições sociais necessárias que possam garantir a produção da vida. Não obstante, as primeiras ações do governo de Jair Bolsonaro foram diminuir drasticamente os investimentos nas áreas de proteção social. Só a educação sofreu em

2020¹³, um corte de 19,8 bilhões ou seja, -16,3% quando comparado com o orçamento de 2019 (AGÊNCIA SENADO, 2020).

Nesse sentido, os movimentos sociais organizados, os sindicatos e centrais sindicais defensores da escola pública, gratuita, acessível, inclusiva, laica, de qualidade e socialmente referenciada precisam se manter permanentemente atentos a todos esses ‘movimentos’ regressivos que a direita vem promovendo na política nacional em geral e na política educacional em particular. Isto porque os cortes que estão sendo propostos para a educação, pelo atual (des)governo, afetam toda sua estrutura e comprometem seriamente o direito à gratuidade e à Educação enquanto bem público e patrimônio social de todos os brasileiros e brasileiras. O atual governo promove uma onda de propostas regressivas que procuram desconstruir as poucas conquistas obtidas em matéria educacional, e para isso se vale de diversas estratégias, que abrangem desde a desvalorização e a retirada de verbas públicas para as Ciências Humanas e Sociais, até a própria desqualificação do papel dos professores na dinâmica educacional. Outra estratégia que vem sendo implementada é o corte de verbas para as pesquisas desenvolvidas pelas Ciências Humanas e Sociais, e o boicote à toda e qualquer iniciativa que possa vir a favorecer o desenvolvimento da ciência, da pesquisa e de novas tecnologias desenvolvidas principalmente nas universidades públicas e em outros centros de pesquisa.

Tomemos como exemplo o que acontece atualmente nas escolas brasileiras. Ao tempo que se diminuem as verbas públicas para investimentos na Educação Básica, o Governo Federal incentiva e propõe que o modelo pedagógico a ser seguido seja a Pedagogia das Competências e o aprender a aprender (SOUZA e RODRIGUES, 2020), ‘modelo’ educacional que visa a qualificação para o trabalho, ou seja, um ensino técnico-profissionalizante voltado tão somente a atender às necessidades do mercado.

Retornando às considerações sobre os ataques ao legado de Paulo Freire, destacamos que, na visão dos seus detratores, seu pensamento se traduz em aquelas qualidades que são consideradas como *males* da educação brasileira: a diversidade, a

¹³ Em 2019, o orçamento do Ministério da Educação era de R\$ 122,9 bilhões.

pluralidade, a inclusão. Seguidos pelas políticas de cotas, pela garantia dos direitos dos trabalhadores, a manutenção das liberdades democráticas, a educação sexual, o direito à terra, à moradia dentre outras tantas.

A indicação e escolha de um culpado – um *bode expiatório* – não é casual e sim proposital. Para os adeptos da ideologia neoliberal conservadora, que hoje uniformiza a extrema direita, essas críticas ao suposto predomínio das ideias e concepções pedagógicas freireanas na educação nacional, em todos os seus níveis, servem para justificar o processo de sucateamento total e de destruição da educação pública, ou seja, da falta de investimento do governo decorre [propositadamente] o sucateamento, e a consequente desqualificação e desvalorização da escola pública. Esse contexto é utilizado para ‘justificar’ um modelo educacional alienado e alienante, a serviço do *Deus Mercado*, que serve como um instrumento para o controle de grande parte dos estudantes filhos da classe trabalhadora, impondo, assim, um padrão educativo que ‘cria’ cidadãos submissos, obedientes, disciplinados, contribuindo para a perpetuação da ordem social vigente, pautada pela lógica do capital e da mais-valia.

Considerações finais

Conforme explicitado na Introdução, nos propusemos aqui neste artigo, a discutir Educação e Política em Paulo Freire, na tentativa de apresentarmos a caracterização dessas duas categorias que consideramos centrais para a formação dos professores na atualidade. Além disso, buscamos compreender alguns paradoxos que vêm ocorrendo na realidade contemporânea brasileira, fazendo uma breve análise da conjuntura política do Brasil de hoje. Também trouxemos, ainda que de forma breve, contribuições e conceitos de Educação e de Política, da obra do autor, os quais promoveram e continuam promovendo um olhar crítico da sociedade.

Importa ressaltar aqui, que a natureza complexa do pensamento freireano vai além dos estreitos limites deste artigo. Logo, os assuntos tratados neste texto poderão e deverão ser abordados em outros artigos e demais produções acadêmicas. Consideramos

que, na atual conjuntura, o universo intelectual freireano é tão relevante e cada vez mais imprescindível para que se possa construir e implantar um modelo educativo realmente transformador e humanizado. O legado de Freire nos instiga a constantes desdobramentos e aprofundamentos de seu pensamento.

A atualidade, força e evolução de suas ideias pedagógicas fazem com que acrescentemos mais um estágio de sua vida ou momento que ajuda na compreensão de sua teoria: *aquele que se localiza após a sua morte*. É um período de transição política e social, no qual o relativismo advindo da pós-verdade tenta, inutilmente, desconstruir o rico e vasto legado político e educacional do Patrono da Educação Brasileira. Isso não será possível porque a Pedagogia Libertadora de Paulo Freire é práxis, contradição e movimento. “Práxis que, sendo reflexão e ação verdadeiramente transformadora da realidade, é fonte de conhecimento reflexivo e criação” (FREIRE, 2005, p. 92).

De qualquer forma, é possível afirmar, sem nenhum equívoco, que a obra de Paulo Freire continua atual e necessária. Trata-se de uma proposta pedagógica, que visa uma Pedagogia do Oprimido de natureza humanista e libertadora. Para atingir essa finalidade, Freire (2005) destaca como sendo importantes dois momentos. O primeiro, é quando o oprimido consegue desvelar o mundo da opressão e se compromete, na sua práxis, com sua transformação. O segundo, é quando, uma vez transformada a realidade opressora, a proposta pedagógica deixa de ser do oprimido “...e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação” (FREIRE, 2005, p. 41).

Trata-se, pois, de uma pedagogia que se assentou como horizonte visando contribuir para a formação dos homens, em um processo de permanente libertação. Repetimos que não se trata de uma tarefa fácil. Ao contrário. No último parágrafo da sua obra mais reconhecida mundialmente – *Pedagogia do Oprimido* –, sempre otimista, Paulo Freire nos lembra que: “Se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar” (FREIRE, 2005, p. 184).

Paulo Freire, conte conosco! Estamos apostos em suas trincheiras!

Referências

AGÊNCIA SENADO REDAÇÃO. Senadores criticam corte de R\$ 4,2 bi do orçamento da Educação para 2021. *Agência Senado*, Brasília, 12 ago. 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/08/12/senadores-criticam-corte-de-r-4-2-bi-do-orcamento-da-educacao-para-2021>. Acesso em: 20 out. 2021.

APPLE, Michel. *Educando à direita: mercados, padrões, Deus e desigualdade*. Cortez: Instituto Paulo Freire, 2003.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Atualizada e ampliada. São Paulo: Saraiva, 2015.

CASTELLS, M. *Ruptura: a crise da democracia liberal*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

CASTRO NETA, Abília Ana de; CARDOSO, Berta Leni Costa, NUNES, Claudio Pinto. Reformas educacionais no contexto pós-golpe de 2016. *Revista Educação em Debate*, Fortaleza, v. 40, p. 162-174, 2018. Disponível em: <http://www.periodicosfaced.ufc.br/index.php/educacaoemdebate/article/view/703>. Acesso em: 01 jun. 2021.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Sistema nacional de educação: desafio para uma educação igualitária e federativa. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 29, n. 105, p. 1187-1209, set./dez. 2008.

FERNANDES, F. *O desafio educacional*. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

FERREIRA, Rafael Farias e HERMIDA, Jorge Fernando. Da autonomia ao provisionamento: a face conservadora e os ataques ao patrono da educação brasileira. *Revista Teias*, v. 22, n° 67, p. 58-71, out./dez. 2021.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021a.

FREIRE, Paulo. *Política e educação*. 8ª. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021b.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança* (30a ed.). São Paulo: Paz e Terra. 2021c.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. 5a ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 42º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. *Conscientização e alfabetização: uma nova visão do processo e Educação como prática de liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

FREITAS, Luiz Carlos. *A reforma empresarial da educação: nova direita, velhas ideias*. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

GADOTTI, Moacir (Organizador). *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 1996. Disponível em: http://acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/3078/1/FPF_PTPF_12_069.pdf. Acesso em: 30 jul. 2020.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. 13ª. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HERMIDA, Jorge. Fernando; ORSO, Paulo José. Apresentação: Políticas educacionais e o avanço da nova (ou extrema?) direita. *Roteiro*, v. 45, p. 1-8, 10 jun. 2020.

HERMIDA, Jorge Fernando; LIRA, Jailton de Souza. Quando fundamentalismo religioso e mercado se encontram: as bases históricas, econômicas e políticas da escola sem partido. *Roteiro*, v. 45, p. 1-32, 9 jun. 2020.

HERMIDA, J. F.; LIRA, Jorge Fernando; LIRA, Jailton de Souza. Estado e Neoliberalismo no Brasil (1995-2018). *Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional*, Curitiba, v. 13, n. 35, p. 38-63. Set./dez. 2018.

LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D. *Como as democracias morrem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LYOTARD, Jean François. *A condição pós-moderna*. 20ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.

KAKUTANI, Michuco. *A morte da verdade*. Notas sobre a mentira na era Trump. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2018.

LIRA, Jailton de Souza; HERMIDA, Jorge Fernando. *Política Educacional e Neoliberalismo: a educação em alagoas durante o governo Vilela Filho (2007-2014)*. João Pessoa: Editora UFPB, 2017.

LÖWY, Michael. *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2000.

ORSO, Paulo José. *Um espectro ronda a educação e a escola pública*. 1ª ed. Uberlândia: Navegando Publicações, 2020.

REDAÇÃO. Bolsonaro sobre Paulo Freire: “Esse energúmeno aí, ídolo da esquerda”. *Revista Fórum*, Brasília, 16 dez. 2019. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/bolsonaro-sobre-paulo-freire-esse-energumeno-ai-idolo-da-esquerda/>. Acesso em: 05 jun. 2020.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. *A história das ideias pedagógicas de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2006.

SOUZA, M. B. de; HOFF, T. S. R. O governo Temer e a volta do neoliberalismo no Brasil: possíveis consequências na habitação popular. *URBE, Revista Brasileira de Gestão Urbana* [online]. 2019, v. 11, e20180023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-3369.011.e20180023>. Acesso em: 13 set. 2021.

RODRIGUEZ, Emilio. Corte de R\$ 19,8 bilhões no Ministério da Educação no orçamento para 2020. *Jornalistas Livres*. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/corte-de-r-198-bilhoes-no-ministerio-da-educacao-no-orcamento-para-2020/#8230>. Acesso em: 01 jul. 2020.

SOUZA, J. *A radiografia do golpe*. Rio de Janeiro: Le Ya, 2016.

STREIT, Maíra. Professor cria polêmica em protesto contra Paulo Freire: “Pedagogia do Oprimido é coitadismo”. *Revista Fórum*, Brasília, 19 mar. 2015. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/noticias/professor-cria-polemica-em-protesto-contrapaulo-freire-pedagogia-do-oprimido-e-coitadismo/>. Acesso em: 01 ago. 2020.

WEFFORT, Francisco. Educação e Política: reflexões sociológicas sobre uma pedagogia da liberdade. In: FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021a.

Recebido em: 23 nov. 2021.
Aprovado em: 09 mai. 2022.

* **Jorge Fernando Hermida** é Uruguaio, naturalizado brasileiro. Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor Titular da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Vice-coordenador do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE), da UFPB. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas Pedagogia Histórico-crítica, Políticas Públicas e Mundo do Trabalho – membro do HISTEDBR Nacional.

E-mail: jorgefernandohermida@yahoo.com.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1963-4639>

** **Heloísa Varão Santos** é Doutoranda em Educação – Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (PPGE/UFPB). Professora aposentada da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas “Pedagogia Histórico-crítica, Políticas Públicas e Mundo do Trabalho” (PHC – PPMT), da UFPB.

E-mail: helocvs@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9381-393x>

*** **Rafael De Farias Ferreira** é Doutorando em Educação – Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (PPGE/UFPB). Mestre em Educação pelo Mestrado Profissional da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB, 2016). Professor e Coordenador do Ensino Fundamental, na Escola Municipal Maria Bezerra da Silva, localizada no município de Zabelê, e Pedagogo, na Secretaria Municipal de Educação de São João do Tigre (PB). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas PHC – PPMT, da UFPB.

E-mail: rafael.educ.pb@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5210-2365>
